



MUNICÍPIO DO BARREIRO

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

DELIBERAÇÃO
Nº 36/2021

Reunião Ordinária da Assembleia Municipal do Barreiro, realizada em
15 de junho de 2021

Moção

Em memória das vítimas da rede bombista

Há 45 anos, numa sexta-feira, 21 de maio de 1976, pelas 3 horas da madrugada, a explosão duma bomba no lugar de Arnozela, S. Martinho do Campo, Santo Tirso ecoou por vários quilómetros. Maria Rosinda Teixeira, de 42 anos, foi barbaramente assassinada. O marido António Teixeira ficou com graves queimaduras.

Como escreveu o jornalista Miguel Carvalho no livro “Quando Portugal ardeu, histórias e segredos da violência política no pós-25 de abril”, a morte de Rosinda Teixeira foi mais um cobarde atentado desencadeado por homens que tinham ódio à democracia e à liberdade. Um mês antes, em 2 de abril de 1976 tinham sido assassinados, perto de Vila Real e também pela explosão duma bomba, o padre Max e Maria de Lurdes Correia. Isto foi no tempo em que o ELP, o MDLP e outras organizações da extrema-direita lançaram no país um rasto de destruição e morte.

Entre maio de 1975 e julho de 1976, em pouco mais de um ano, foram desencadeados pela rede bombista da extrema-direita mais de 300 ataques com explosivos, mais de 100 assaltos a casas particulares, sindicatos e partidos políticos de esquerda, mais de 50 incêndios, quase 20 atentados a tiro...

No Porto a Tipografia Inova foi alvo dum atentado em 25 de outubro de 1975. Em 7 de Novembro foi lançado um engenho explosivo na entrada da Rádio Clube Português. Em 7 de janeiro de 1976 pelas 5 horas da madrugada mais uma bomba na Cooperativa Árvore. E na madrugada de 14 de janeiro foi colocada uma bomba nas instalações do SAAL/Norte, para fazer parar os projetos de apoio à habitação para as classes trabalhadoras. A violência continuou, em muitos outros locais do país: em 22 de abril de 1976 um atentado à Embaixada de Cuba em Lisboa provocou duas mortes, em 14 de maio de 1976 foi a explosão na torre do radar do Aeroporto da Portela, em 9 de junho mais um engenho explosivo nas instalações da livraria cooperativa António Sérgio, na Póvoa de Varzim. Em 14 de julho de 1976 em Vialonga (Vila Franca de Xira) engenhos explosivos destruíram 3 torres de distribuição de energia elétrica.

Quem eram os bombistas do ELP e MDLP? Apoiantes do regime de Salazar, beneficiários da opressão e exploração sobre os povos das colónias, defensores da censura e da repressão da polícia política - PIDE/DGS. Figurões que nunca aceitaram o 25 de Abril de 1974, o fim da guerra colonial, as eleições democráticas através do voto popular, os direitos das mulheres. Alguns ricos com fortunas obtidas na exploração dos

trabalhadores portugueses e dos povos das colónias financiaram as centenas de ações terroristas. Os autores morais e materiais daqueles atos de violência nunca tiveram o merecido castigo.

Mais de 60% da população que hoje reside em Portugal não viveu aqueles brutais acontecimentos em 1976. E também pouco sabem dos ataques aos trabalhadores e suas organizações sindicais. Não se pode deixar cair no esquecimento a violência, o rasto de destruição e morte lançados entre maio de 1975 e julho de 1976 pelos defensores do antigo regime fascista.

No tempo de Salazar e Caetano, que a extrema-direita de hoje tanto celebra, não havia eleições autárquicas. Os presidentes de Câmara e de Junta de Freguesia eram escolhidos pelo governo de então, entre os fiéis do partido único - a União Nacional e depois a ANP. Mas agora, ei-los a apresentar candidaturas às próximas eleições autárquicas...

Assim, a Assembleia Municipal do Barreiro, considerando ser uma exigência democrática não esquecer quem sofreu perseguições e vexames por ser sindicalista ou ser de esquerda, DELIBERA:

- Honrar a memória das vítimas da violência desencadeada entre maio de 1975 e julho de 1976 pela rede bombista de extrema-direita, para que a memória não se apague.

Aprovado por unanimidade.

Barreiro, 15 de junho de 2021

O Presidente da Assembleia Municipal do Barreiro,



André Pinotes Batista